

MARY SHELLEY, FRANKENSTEIN: IN-FRACTIO¹

Es gibt zwei menschliche Hauptsünden, aus welchen sich alle andern ableiten: Ungeduld und Lässigkeit. Weger der Ungeduld sind sie aus dem Paradiese vertrieben worden, wegen der Lässigkeit kehren sie nicht zurück. Vielleicht aber gibt es nur eine Hauptsünde: die Ungeduld. Wegen der Ungeduld sind sie vertrieben worden, wegen der Ungeduld kehren sie nicht zurück.

Franz Kafka ².

The world was to me a secret which I desired to divine. Curiosity, earnest research to learn the hidden laws of nature, gladness akin to rapture, as they were unfolded to me, are among the earliest sensations I can remember.

Mary Shelley ³.

I. Uma leitura de *Frankenstein* de Mary Shelley pode, eventualmente, orientar-se numa perspectiva ético-religiosa e, nesta ordem de ideias, desenvolver-se a partir de duas premissas fulcrais apresentadas pelo texto de Kafka, sendo a segunda, de resto, já a consequência necessária da primeira: a noção de pecado mortal para o homem e o problema da punição —a perseguição — inerente.

'Perseguição' ⁴ implica, em termos dos próprios componentes etimológicos, dois sujeitos activos com funções opostas — cada qual tem o outro como objecto — percorrendo ambos, contudo, o mesmo trajecto, na mesma direcção, no mesmo sentido: um na esteira do outro. Todavia, o texto de Kafka relega para o indeterminado o sujeito perseguidor; tradicionalmente, subentende-se a sua identidade — Deus — através da conotação metonímica que a palavra 'Paraíso' apresenta no espaço da cultura ocidental cristã, de raízes semíticas. Mas esta indeterminação pode ser significativa em si, ao apontar simultaneamente para a ambivalência de perspectivas, segundo as quais o sujeito perseguidor pode ser encarado.

¹ Trabalho apresentado em Janeiro de 1985 ao seminário de Literatura Inglesa» orientado pelo Prof. Doutor João Almeida Flor, do curso de mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

² *Betrachtungen über Sünde, Leid, Hoffnung und den wahren Weg*, apud. vol. 6, p. 30 de KAFKA, Franz — *Gesammelte Werke in sieben Bänden*, Max Brod (Hgb.), Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1976: *Hochzeitsvorbereitungen auf dem ande und andere Prosa aus dem Nachlaß*.

³ *Frankenstein, or The Modern Prometheus*, Ontario, New York & Scarborough, New American Library, 1965. Cap. 2, p. 36. Todas as referências ao romance ao longo do trabalho devem reportar-se a esta edição.

⁴ Cf. Latim: *Per-sequor e Per-secutio*.

A relação Deus-Homem que, em princípio e «no Princípio», seria de identidade absoluta — no Verbo⁵, no Paraíso, por transposição metonímica — é, pelo contrário, uma relação de não-identidade: dissemelhança. Aliás, essa identidade inicial foi desde logo traída ao adoptar a denominação dupla 'Deus-Homem': quando o Verbo se substantivou, de intransitivo se tornou transitivo; quando a acção sentiu necessidade de se prefigurar, concretizar, para se realizar como tal.

É nesta altura que surge implícita à relação Deus-Homem a relação Criador-Criatura. É um momento de tomada de consciência de si de cada uma das partes do Verbo — o ideal absoluto. Cada qual questiona-se ontologicamente — quanto à sua essência lida de e função em qual sistema ético de valores. A interrogação implica, em si, a ruptura da afirmação — do dado, do absoluto — colocando-a em dúvida, i.e., relativizando-a, distinguindo-se dela para a olhar em perspectiva.

É nesta atitude que assenta a noção de infracção ou, paralelamente, de transgressão"; em termos religiosos, estas noções identificam-se com a de pecado, pois é análoga a atitude que lhes subjaz: o pecado é a dessacralização do dogma da unidade encarada como divindade. A conotação negativa — de mal — em termos ético-religiosos, associada a estes três vocábulos — infracção, transgressão, pecado—, dentro de uma tradição de fundamento semítico⁷, advém do intrínseco complexo de culpa daquele que, consciente de si, ousa desintegrar o todo de onde procede, não conseguindo, subsequentemente, reintegrá-lo, reintegrar-se. O fragmento, enquanto tal, simplesmente não é aceite: nem por si, nem pelos demais. É desta não-aceitação recíproca que surge a perseguição dos eus-fragmentos entre si, em nome da unidade ideal, do Verbo, do Paraíso perdido: «sie kehren nicht zuruck.».

Javé do Antigo Testamento, o deus perseguidor-castigador, não é o verbo mas um eu-fragmento a quem foi atribuído o papel de criador, identificando-o equivocadamente com o Princípio criador, intransitivo e absoluto; esquece-se o facto de que o criador só o é na sua própria morte; ao criar outro ser, distinguindo-se conscientemente deste. Nesta ordem de ideias, a tradição semítica atribui inteiramente ao homem, ao ser criado, a culpa da infracção da unidade inicial, a perda do Paraíso, precisamente porque não aceita a diferença relativamente ao criador e se revolta contra a hierarquia que determina o dominado e o dominador, o súbdito e o rei, respectivamente.

Assim, a criatura persegue o criador no intuito de aniquilá-lo e substituir-se a ele; simultaneamente sente-se perseguido pelo criador, o deus-castigador, na medida em que o imagina usurpado nos seus direitos e admite a possibilidade da vingança contra o usurpador. A imagem do deus-castigador é a prefiguração—o duplo — da consciência fraccionada, desintegrada e, perenemente

⁵ Cf. *Novo Testamento*. Jo. 1, Prólogo 1.

⁶ *Infractio* é literalmente a acção consumada de fraccionar algo, a sua decomposição em partes: *transgressio*, de *transgredior*, implica a ruptura de determinados limites estabelecidos — p. ex., da Lei— numa tentativa de ultrapassagem.

⁷ A tradição judaico-cristã implica já uma esfera de valores mais lata, na medida em que considera Deus como a Trindade do absoluto. O Filho de Deus Homem é a prova concreta deste assumir pleno da responsabilidade de ser — simultaneamente divino e humano, criador e criatura.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

culpada, daquele que agiu, paradoxalmente, para assumir na íntegra a responsabilidade dessa mesma consciência de si: mas falhou.

1816: data da publicação de *Frankenstein, or The Modern Prometheus*.

Tendo em conta o próprio enquadramento histórico-ideológico do romance de Mary Shelley e, como tal, encarado sob uma perspectiva moderna, que assenta os seus princípios na concepção subjectivista da existência, tal como ela é preconizada a partir do Romantismo no espaço da cultura ocidental, por exemplo, por Fichte na sua teoria do Eu absoluto e, de maneira geral, pelo idealismo alemão, parece subjazer a este conflito Criador-Criatura, Pai-Filho, Deus-Homem, Deus-Prometeu⁸, Laio-Édipo, Deus-Zaratustra⁹, Frankenstein pai e filho, Victor Frankenstein e o monstro por ele criado, um destino, uma necessidade, como princípio eternamente activo: o acto de criar, porque auto-realização do ser.

Esta concepção vem destronar — tornando-a insuficiente e vã, a concepção humanista clássica da criação como glorificação do homem nas suas obras, perpetuações estáticas de si: o sonho da imortalidade humana ora o ídolo, no fundo, a ausência de liberdade, o auto-limite. A tomada de consciência atrás referida é, pelo contrário, uma exigência de liberdade, auto-proposta do desafio mais arriscado de qualquer existência: assumir-se como eu-mortal. É ele quem se faz mortal. A 'in-fractio' do absoluto é o suicídio, a morte livre. A questão da liberdade do eu é, afinal, uma questão de pacto com a morte: É-se a partir da morte enquanto possibilidade ao alcance e não enquanto dado.

Concretamente, no que respeita a *Frankenstein*, este questionamento existencial torna-se explícito em termos discursivos através do motivo do cientista confrontado com o problema da evolução natural do conhecimento científico e da sua dúvida moral quanto à licitude desta mesma evolução, na medida em que rompe com preconceitos de uma tradição estabelecida e amplamente reconhecida nos seus limites ético-ideológicos; implicitamente, rompe com uma esfera de conhecimentos científicos já devidamente reputada como modelo ou padrão. Trata-se, então, da 'in-fractio' — transgressão da esfera de conhecimentos newtoniana para a esfera de conhecimentos de um Lamarck, por exemplo: o surgimento das teorias evolucionistas e vitalistas da existência que irão enformar a tendência intuicionista que marcou determinadamente o psicologismo do século XIX, prolongando-se igualmente pelo século XX; por outras palavras,

⁸ Cf. GOETHE. Prometheus» (51-57); «Hier sitz ich, forme Menschen / Nach meinem Bild, / Ein Geschlecht, das mir gleich sei: / Zu leiden, zu weinen, / Zu geniessen und zu freuen sich, / Und dir nicht zu achten, / Wie ich!» — GOETHE — *Poemas*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1949.

Cf. SHELLEY, Percy Bysshe — *Prometeus Unbound*, IV, 394-421: «Man, oh, not men! A chain of linked thought / Of love and might to be divided not, / Compelling the elements with adamant stress / (.) / Man one harmonious soul of many a soul / Whose nature is its own divine control / (...) / The tempest is his steed, he strides in the air.» — SHELLEY, P. B. — *Poetical Works*, Oxford, New York, Toronto, Oxford University Press, 1970.

⁹ Cf. NIETZSCHE, Friedrich — *Also Sprach Zarathustra*: «Der Übermensch ist der Sinn der Erde. (.) bleibt der Erde treu (.) . Einst war der Frevel an Gott der grösste Frevel, aber Gott starb, und damit auch diese Frevelhaften. An der Erde zu freveln ist jetzt das Furchtbarste und die Eingeweide des Unerforschlichen höher zu achten, als den Sinn der Erde!» — «Zarathustras Vorrede», 3: apud. NIETZSCHE, Friedrich — *Werke in drei Bänden*, München, Carl Hanser Verlag, 1973, II, p. 280.

a preponderância das ciências biológicas organicistas sobre as ciências matemáticas mecanicistas, características do período iluminista¹⁰.

Contudo, o conflito gera-se precisamente no espaço de intersecção da concepção humanista clássica com a concepção humanista moderna: porque não se aceita, ou é difícil aceitar-se, a responsabilidade da exigência máxima de ser livre, ser criador e simultaneamente criatura: a morte. No fundo, o pecado capital, que Kafka designa de «impaciência», é esta não-aceitação do eu como criador-criatura, i.e., a «negligências de si porque fragmento, o qual se habituou a conotar de criatura exclusivamente, dentro da hierarquia de valores atrás focada. Esquece-se a irredutibilidade da duplicidade essencial do eu, na nostalgia do Criador uno, da intransitividade do verbo 'criar'.

Pode associar-se a «impaciência», a «negligência», de Kafka com a «curiosidades e a «pesquisa» de Victor Frankenstein do segredo da vida, da causa última da existência, na medida em que elucidam o processo de auto-rejeição do eu enquanto criatura, na busca do criador em si, com vista a torná-lo soberano absoluto. O primeiro passo deste processo cabe, aparentemente por paradoxo, ao próprio criador: auto-realiza-se na criatura a quem dá (a) vida — o filho —, i.e., o ser que procede de si e se torna independente no momento da expulsão. O segundo passo cabe, naturalmente, ao ser criado, ao filho, e consiste em perseguir para aniquilar a figura do próprio criador — do pai. O terceiro passo é, finalmente, a substituição do pai pelo filho, assumindo este os poderes daquele em absoluto: tornando-se criador. Fecha-se um círculo para se iniciar outro. Um processo de criação-auto-realização que Hegel designaria de dialéctico. Assim, a morte do pai equivale à morte do filho, pois ambos são indissociáveis em essência.

Em *Frankenstein*, o conflito, que o processo acima descrito procura esquematizar, estabelece-se fundamentalmente entre Frankenstein-pai e Frankenstein-filho. A dupla Victor Frankenstein-monstro e a representação metafórica da primeira relação; a metáfora da fragmentação do eu, assente na interacção de duas metonímias: as figuras e as vidas de Victor e do monstro.

II. Na análise do romance em questão, torna-se aparente a problemática exposta. Assim, a primeira fase do processo, desempenhada pela figura do 'pai', é apresentada a dois níveis diversos do mesmo paradigma — a relação pai-filho — funcionando um relativamente ao outro como o literal para o figurado numa articulação metafórica: o nível objectivo e pragmático — o consciente inteligível — em que Frankenstein-pai e filho se confrontam; o nível subjectivo do inconsciente irracional que é, paralelamente, também o nível ontológico, prefigurado na relação Victor-monstro. Na primeira relação, a actuação do pai aparece apenas implícita: por intermédio do discurso do filho, na narração da sua experiência subjectiva enquanto ser rejeitado, sem consciência de culpa

¹⁰ Cf. MEAD, George — *Movements of Thought in the Nineteenth Century*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1972. Alente-se sobretudo Caps. VIII: «Evolution Becomes a General Idea»; XIII: «Modern Science is Research Science»; XIV: «Science Raises Problems for Philosophy — Vitalism; Henry Bergson»; XVII: «Mind Approached Through Behaviour — ».

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

— causa justa—para esta punição; sente-se fragmento, nos termos já esclarecidos, e não se aceita como tal:

I was unwilling to quit the sight of those that remained to me ¹¹.
(...) but my father thought it necessary for the completion of my education that I should be made acquainted with other customs than those of my native country ¹².

É Victor Frankenstein quem profere estas palavras justificando a sua partida para a universidade de Ingolstadt. Em Kafka, por exemplo, a sequência de *Das Urteil* e *Die Verwandlung* é perfeitamente elucidativa deste tipo de relacionamento e sentimentos experienciados: o filho, condenado pelo pai, transforma-se em insecto, a coisa, a morte como fim último ¹³.

Rejeição-punição porque intrinsecamente o filho pressente na viagem de auto-reconhecimento, auto-realização, a que o pai o força naturalmente, a morte de si e, simplesmente, não a aceita como factor de liberdade, mas como destruição. É assim que, a este mesmo nível do consciente inteligível, Victor atribui o seu abandono do círculo familiar — a rejeição do pai — a uma predestinação inevitável (a Vontade superior do Pai) impendendo sobre cada indivíduo e, determinando-o ora para a fortuna, ora para o infortúnio, anulando, deste modo, a vontade do filho. Transpõe a culpa pessoal que reside na negação de si próprio, na responsabilidade de criatura-criador / criador-criatura, para uma circunstância alheia, uma entidade abstracta que, convenientemente, prefigura na imagem do deus-castigador, do Pai onipotente; o filho coloca-se, então, obstinada e comodamente, na posição da criatura face ao criador. Este é, pois, em última análise, um artifício psicológico de auto-apaziguamento moral da consciência culpada do homem-fragmento:

Thus strangely are our souls constructed, and by such slight ligaments are we bound to prosperity or min (...). Destiny was too potent, and her immutable laws had decreed my utter and terrible destruction ¹⁴.

Chance — or rather the evil influence, the Angel of Destruction, which asserted omnipotent sway over me from the moment I turned my reluctant steps from my father's door ¹⁵.

¹¹ M. SHELLEY — *Op. cit.*, Cap. 3, p. 43.

¹² idem — *Op. cit.*, Cap. 3, p. 42.

¹³ Cf. *Das Urteil*: «Ein unschuldiges Kind warst du ja eigentlich, aber noch eigenlicher warst du ein teuflischer Mensch!—Und daran wisse: Ich verurteile dich jetzt zum Tode des Ertrinkens!».

Georg fühlte sich aus dem Zimmer gejagt (...) Aus dem Tor sprang er, über die Fahrbahn zum Wasser trieb es ihn. Schon hilet er das Geländer fest (. . .). Er schwang sich über (...). (...) rief leise: 'Liebe Eltern, ich habe euch doch immer geliebt', und ließ sich hinabfallen».

Cf. *Die Verwandlung*, na ligação de um passo para o seguinte: «Als Gregor Samsa eines Morgens aus unruhigen Träumen erwachte, fand er sich in seinem Bett zu einem ungeheuren Ungeziefer verwandelt. (...) Es war kein Traum". KAFKA— *Gesammelte Werke in sieben Bänden*, Max Brod (Hgb.), Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1976, vol. 4, PP. 53-57.

¹⁴ M. SHELLEY — *Op. cit.*, Cap. 2, p. 41.

¹⁵ Idem — *Op. cit.*, Cap. 3, p. 45.

A segunda relação — Victor-monstro —, o nível do inconsciente irracional e também do ontológico, representa — dramatiza — a primeira, funcionando como metáfora desta. Curiosamente, o conflito aqui patente pretende apresentar-se como que directamente no texto pelo discurso narrado em 'primeira pessoa' de cada uma das partes: cada qual é como que chamada a relatar, a actuar no palco perante os vários receptores, as 'segundas pessoas': de imediato Walton, por sua vez a irmã deste, via correspondência, e o leitor, por via do texto do romance. Contudo, Walton é simultaneamente, ou antes, Walton é exclusivamente a primeira pessoa do narrador do romance, de onde procede o discurso que o constitui em texto; de onde procedem e para onde convergem os discursos de todas as 'segundas pessoas', nas quais se incluem, obviamente, Victor e o monstro, nas quais se inclui o leitor virtual que é também o próprio autor, Mary Shelley. É nesta linha de pensamento que deve ler-se a sequência de extractos textuais apresentados de seguida, por si elucidativa do que acaba de ser exposto: em última análise, o problema da fragmentação do sujeito de uma enunciação — um falso problema, afinal, na medida em que a ficcionalidade, a verosimilhança e não a 'verdade', seja incluída dentro dessa categoria de falso; na medida em que o duplo é apenas a imagem, a virtualidade, desse sujeito; o outro identifica-se com o mesmo. Mas é precisamente devido a esta identificação do mesmo necessariamente no outro que o problema da fragmentação do eu subsiste enquanto problema, de facto: verdadeiramente humano — verosímil. A verosimilhança e não a 'verdade' — a ficção e não o 'real' — é o processo de auto-reconhecimento do eu, de formação, no sentido de *παίδεσις*, na metafísica humanista ocidental desde Platão ¹⁶.

[V. Frankenstein]—I beheld the wretch — the miserable monster whom I had created (...) He might have spoken but I did not hear; one hand was stretched out, seemingly to detain me, but I escaped and rushed downstairs¹⁷.

— Begone! I will not hear you (...). We are enemies (...) ¹⁸.

[Monstro] — I had quitted your apartment on a sensation of cold (...).

I was a poor, helpless, miserable wretch. I knew, and could distinguish nothing; but feeling pain invade me I sat down and wept ¹⁹.

Por outro lado, é dentro desta linha de interacção do metafórico com o literal que se compreende a relação Victor-monstro simultaneamente como a relação da personagem com o seu duplo: este é a figura que actua nas partes que o actor não tem coragem nem aptidões para assumir. A última citação da sequência supra (fala do monstro) é o paralelo da seguinte fala de Victor:

¹⁶ Cf. PLATON — *La République*, VII, 514a-541b; apud. *Oeuvres Complètes*. Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1961, T. VII. 1.^{re} partie, Livres IV-VII.

¹⁷ M. SHELLEY — *Op. cit.*, Cap. 5, p. 51.

¹⁸ Idem — *Op. cit.*, Cap. 10, p. 96.

¹⁹ Idem — *Op. cit.*, Cap. II, pp. 98-99.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

My life had hitherto been remarkably secluded and domestic, and this had given me invincible repugnance to new contempances. I loved my brothers, Elisabeth, and Clerval; these were sold familiar faces», but I believed my self totally unfitted for the company of strangers ²⁰.

Conotativamente, o paradigma de *cold — poor — helpless—wretch—nothing — pain* — é o mesmo de *unfitted* nos contextos em que se inserem: aliás, um único contexto — o plano de intersecção dos dois níveis já referidos e que pode traduzir-se pelo âmbito da significação do termo 'isolamento'.

É precisamente a significação 'isolamento' que estabelece o ponto de ligação da primeira para a segunda fase do processo que tem vindo a desenrolar-se. Isolamento significa ruptura com, negligência de e distinção de algo relativamente ao restante — negligenciado. Assenta, pois, em 'in-fractio' como falha, pecado: da não aceitação do eu como criatura-criador ou vice-versa; como fragmento fragmentável; o pecado da não-aceitação desta sua condição essencial de existência. Implícita está a não-aceitação da existência de e da coexistência com todos os outros seres semelhantes, i.e., a ruptura com todos os laços afectivos que ligam necessariamente o indivíduo à sua circunstância, integrando-o ²¹: «wegen der Lässigkeit kehren sie nicht zurück»:

And the same feelings which made me neglect the scenes around me caused me to forget those friends who were so many miles absent and whom I had not seen for so long a time (,..). I wished, as it were, to procrastinate all that related to my feeling and affection until the great object, which swallowed up every habit of my nature, should be completed ²².

O eu procura isolar-se como criador, substituir-se ao pai, negligenciando a criatura em si, todavia, e por ironia do 'destino' — a Vontade do Pai —, através da criação de um outro eu, um duplo, imagem de si que, simultaneamente, o redima — porque auto-realização sua como criador — e glorifique:

I became my self capable of bestowing animation upon lifeless matter (...). Life and death appeared to me ideal bounds, which I should first break through (...). A new species would bless me as its creator and source; (,..). No father could claim the gratitude of his child so completely as I should deserve theirs ²³.

Retomando os dois níveis em que se articula a metáfora da relação pai-filho, metáfora da fragmentação do eu nos termos já referidos, a necessidade de criar um ser — racional! — por parte de Victor constitui em si uma resposta à atitude do pai/criador; resposta que se justifica e manifesta de dois modos

²⁰ Idem — *Op. cit.*, Cap. 3, p. 44.

²¹ Cf. FICHTE, J. G. — *De la Destination au Savant et de l'Homme de Lettres*, Conf. II: «L'instinct social appartient par conséquent aux instincts fondamentaux de l'homme. L'homme est *destiné* à vivre eu société, il *doit* vivre ainsi; il n'est pas un homme complet, et il est en contradiction avec lui-même, s'il vit isole». Paris, Lib. de Ladrage, 1838. p. 32.

²² M. SHELLEY, *Op. cit.*, Cap. 5, pp. 53-54.

²³ Idem — *Op. cit.*, Cap. 4, p. 51.

distintos, contudo, complementares. A nível do consciente racional {a relação Victor-pai}, a justificação dessa resposta está não só na natural predisposição intelectual de Victor para o conhecimento científico-metafísico, mas também na conotação ético-cultural de 'Infância' e 'Inocência' que Victor-criança prefigura: uma espécie de re-escrita do mito adâmico, dentro dos valores da mitologia cristã, entretanto, já na esteira do 'Bom Selvagem' rousseauiano ²⁴. Nesta conjugação de factores deve compreender-se o facto de Victor encarar o fruto do seu esforço — desmesurado — em Ingolstadt como a redenção da humanidade através da felicidade e perfeição de novos seres:

Wealth was an inferior object, but what glory should attend the discovery if I could banish disease from the human frame ²⁵.

A nível do inconsciente irracional, apenas, a resposta justifica-se por um instinto de revolta e vingança do filho relativamente ao pai pela rejeição sofrida, c manifesta-se concretamente na figura de um ser racional, não superior, nem sequer normal, mas monstruoso. No *Diário*, Kafka parece esclarecer a ambivalência dos dois níveis de significação referidos, incluindo já a componente ontológica do segundo, e apontar para a causa da monstruosidade da criatura de Victor Frankenstein: o erro, a culpa.

Freilich komme ich auch hier zur «Schuld», denn warum wollte ich aus der Welt hinaus? Weil «er» [der Vater] mich in der Welt, in seiner Welt nicht leben ließ. So klar darf ich jetzt allerdings nicht beurteilen, denn jetzt bin ich schon Bürger in dieser Welt, die sich zur gewöhnlichen Welt verhält wie die Wüste zum ackerbauenden Land (ich bin vierzig Jahre aus Kanaan hinausgewandert), serie als Ausländer zurück (...).

(...) ich habe Liebende gern, aber ich kann nicht lieben, ich bin zu weit, bin ausgewiesen (...) ich «verlassen» bin (...) ²⁶.

O monstro é a prefiguração — a confissão do próprio texto — deste estado de consciência culpado. O texto confessa a sua incapacidade congénita de comunicar directamente o conflito existencial inerente à sua condição de produto da criação humana, movimentando-se no domínio do verosímil, da ficção; o texto, ele próprio um fragmento, um metatexto. Confessa-se na figura do seu discurso, recorrendo à metáfora do duplo — o artifício da imagem do espelho: simultaneamente deixa ver o objecto nas suas duas faces, a da frente e a de trás, ou, se quisermos, a superfície e a profundidade. Aliás, este problema da confissão, como apaziguamento moral do pecador, revela-se a todos os níveis, não só na relação Victor Frankenstein-Walton, como também na relação deste com a irmã e, flagrantemente, na relação Victor-monstro, a

²⁴ Idem — Op. cit., Cap. 2. p. 37: «No human being could have passed a happier childhood than myself. My parents were possessed by the very spirit of kindness and indulgence (...) gratitude the development of filial love".

²⁵ Idem — Op. cit., Cap. 2. p. 40.

²⁶ KAFKA — *Tagebücher*, Max Brod (Hgb.), Reutlingen, S. Fischer Verlag, 1967, pp. 408-410: 28.Jan.1922; 29.Jan. 1922.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

metáfora da relação Frankenstein-pai/filho. Por seu turno, Walton, a figura do narrador de *Frankenstein*, é a figura da confissão do escritor como ser necessariamente fragmentado — aquele que só é era função do próprio acto de escrever, como criação de um discurso; o narrador é a figura desse discurso.

Cair em si— tomar consciência de si — confissão.

Adão no Paraíso, tal como Lúcifer anteriormente, cai ao tornar consciência de si, precisamente porque confunde liberdade com desmesura e não assume a responsabilidade da sua própria medida, quer exceder-se — note-se a desproporção física do monstro, *superhuman*²⁷: *the wretch — the devil — the demon*:

I ought to be thy Adam, but I am rather the fallen angel, whom thou drivest from joy for no misdeed. Everywhere I see bliss, from which I alone am irrevocably excluded²⁸.

Estado de consciência culpado que só no final Victor consegue admitir e confessar mais abertamente—a Walton: depois do exame de consciência, da reflexão em perspectiva que o relato a outrem de acontecimentos passados implica:

(...) a high destiny seemed to bear me on, until I fell, never, never again to rise (...).

Ali my speculations and hopes are as nothing, and like the archangel who aspired to omnipotence, I am chained in an eternal hell²⁹.

Entretanto, há uma diferença essencial entre estas duas consciências culpadas — a do monstro e a de Victor — se a encararmos nas suas relações de criaturas para com os respectivos criadores. Ambos se sentem no direito de viver pois foi para a vida que foram chamados — expulsos pelo pai:

Life, although it may only be an accumulation of anguish, is dear to me and I will defend it³⁰.

O grito do monstro perante o seu criador corresponde à afirmação de Victor partindo para Ingolstadt como resposta ao desafio do pai:

I ardently desired the acquisition of knowledge (...). Now my desires were complied with, and it would, indeed, have been folly to repent³¹.

Enquanto a Victor lhe é concedida essa liberdade — a da auto-realização — e este falha na medida do seu egoísmo, da sua desumanidade³², ao monstro é-lhe vedada: o seu criador não tem coragem para assumir o seu

²⁷ M. SHELLEY — *Op. cit.*, Cap. 5, p. 84.

²⁸ Idem — *Op. cit.*, Cap. 10, p. 95.

²⁹ Idem — *Op. cit.*, Cap. 24, pp. 201; 200.

³⁰ Idem — *Op. cit.*, Cap. 10, p. 95.

³¹ Idem — *Op. cit.*, Cap. 3, p. 44.

³² Idem — *Op. cit.*, Cap. 5, pp. 53-55. P.ex.: «If the study to which you apply yourself has a tendency to weaken your affections (. .) then that study 's certainly *unlawful* (...), *not befitting* the human mind» (sublinhados meus).

papel perante a criatura; falha porque não cumpre e é perseguido — justamente — em virtude disso.

A perseguição do monstro a Victor é a metonímia do eco das palavras do pai na sua consciência culpada:

I know that while you are pleased with yourself you will think of us with affection, and we shall hear regularly from you. You must pardon me if I regard any interruption in your correspondence as a proof that your other duties are equally neglected. (...) I am now convinced that he was justified in conceiving that I should not be altogether free from blame³³.

É o duplo quem actua nas partes que o actor não tem coragem para enfrentar, confessando-se, assim, falhado: prefere esconder-se sob a capa da vítima inocente do 'drácula' desumano. Fundamentalmente, o monstro é o fragmento propriamente dito: auto-irrealizável; em si, a potencialidade criadora, i.e., de ser em coexistência com os demais, está à partida aniquilada — e, sem culpa alguma. O monstro é a figura do isolamento absoluto, do vazio, do inferno: «I am chained in an eternal hell» — Victor reconhece; e o monstro confessa:

No guilt, no mischief, no malignity, no misery, can be found comparable to mine (...) the fallen angel becomes a malignant devil. Vet even that enemy of God and man had friends and associates in his desolation; I am alone (...) was there no injustice in this?³⁴

É nesta ordem de ideias, então, que, como atrás já de certo modo foi adiantado, cabe ao monstro o papel da perseguição e destruição efectiva de todos os entes queridos do seu criador, no intuito de o aniquilar; não para o substituir, porque não consegue, mas por mera vingança, sem qualquer esperança sequer de satisfação: «For while I destroyed his hopes I did not satisfy my own desires»³⁵. Destruição que Victor já tinha efectuado ao negligenciá-los, em virtude do seu egoísmo desumano. Ainda que encarnando o duplo e, talvez por esse motivo, o monstro, em si e por si, tem justificativo moral para tal actuação. Victor não. Talvez a diferença esteja na responsabilidade inerente à condição de ser 'real' ou 'imagem', 'virtual': Victor / monstro.

Analisando, em conclusão, a terceira fase do processo inicialmente traçado, verifica-se que, curiosamente, nem Frankenstein-pai nem Frankenstein-filho são vítimas directas do monstro. Ambas morrem naturalmente quando se vêem sós: o primeiro, quando o processo da sua destruição como criador — substituído pelo filho³⁶ — está concluído. O segundo, quando se apercebe que assassinara o pai através da figura do duplo de si que criara — o monstro. Explicitando a metáfora: por causa dos desgostos que o seu erro, o 'pecado mortal', causara no pai. O assassinio do pai é o suicídio do filho.

³³ Idem— *Op. Cit.*, Cap. 5, pp. 54-55.

³⁴ Idem— *Op. Cit.*, Cap. 24, p. 210.

³⁵ Idem— *Op. Cit.*, Cap. 24, p. 210.

³⁶ Zaratustra apenas proclama a morte de Deus quando o faz substituir pela Terra de onde procede o Superhomem. Cf. n. 9.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

O processo de perseguição do pai — do criador — tem como móbil o elemento psicológico, irracional, da vingança por parte da criatura, vítima de uma injustiça aparentemente incompreensível e inaceitável. Mas a sua finalidade última assenta numa carência existencial do ser que o leva a aspirar à reconquista do 'Paraíso Perdido', ao reencontro de si na sua integridade: «[sie] kehren nicht zurück». A perseguição efectuada por Victor ao monstro, simbolicamente através do deserto gelado do Ártico, depois da morte do pai, que é também a sua, constitui a metáfora da própria vida como percurso necessariamente para a morte.

Morte encarada sob duas perspectivas que, simultaneamente, se excluem, porque antagónicas em si, e coexistem, porque realmente presentes no *ser* humano. A perspectiva psicológica do inconsciente irracional, segundo a qual a morte é punição, o fim; a perspectiva ontológica, segundo a qual a morte é a própria essência da liberdade humana, na sua exigência e plenitude máximas: o acto de criação é a morte livre, e o fazer-se mortal, é viver humanamente: como fragmento sublime.

O monstro tem forçosamente de morrer por suas próprias mãos, pois ele é o fim em si, a falta de continuidade. Como mera criatura, exclusivamente, a sua missão consiste em perseguir o criador como meio de auto-aniquilamento: obedece necessariamente à sua natureza de fim absoluto. Pode identificar-se como a prefiguração da morte, segundo a primeira perspectiva acima especificada:

I shall collect my funeral pile and consume to ashes this miserable frame (...). I shall die (...). He is dead who called me into being; and when I shall be no more the very remembrance of us both will speedily vanish³⁷.

O relato de Walton, narrador-figura do discurso, constituindo o corpo de *Frankenstein*, o texto do romance, é um acto de criação: metonímia do acto de criação de Mary Shelley-autora de *Frankenstein-escrita*: ou seja, na relação de interdependência necessária do escritor com o escrever—o fazer-se mortal. Cada texto é sempre a escrita deste fazer-se mortal; cada discurso é sempre a enunciação de um sujeito que se confessa mortal—verdadeiramente humano.

Filomena M. E. Aguiar de Vasconcelos

³⁷ M. SHELLEY — *Op. cit.*, Cap. 24, pp. 210-211.